

Químicos temem por

Cientistas brasileiros se vêem no papel de coletadores

'farmácia' amazônica

de plantas promissoras para laboratórios estrangeiros

ABIR0014

FSP, 25/11/93

MARCELO LEITE

Enviado especial a Manaus

Derrubados os mitos do "pulmão verde" e do "celeiro do mundo", começa a sofrer abalos a idéia de que a Amazônia possa ser preservada como biblioteca genético-química da humanidade. Depois de três dias de discussões no 1. Simpósio Internacional sobre Química na Amazônia, fica evidente que deste "inferno verde" não sairá tão cedo a cura da Aids ou do câncer.

Uma panacéia para esses males pode até estar escondida na floresta, mas não há indícios de que vá ser encontrada antes do desaparecimento das espécies que a contêm. Às taxas atuais de desmatamento, a mata amazônica pode acabar em 50 anos. A identificação, síntese e aprovação de um único medicamento consome duas décadas: o anticancerígeno taxol, extraído do teixo-do-pacífico (América do Norte), foi descoberto em 1971 e só chegou ao mercado em 1992.

As pesquisas sobre química de produtos naturais apresentadas no simpósio manauara, organizado pela Associação Brasileira de Química (ABQ) e pelo Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), são ainda muito incipientes. A atividade nessa área é inversamente proporcional à biodiversidade (quantidade de espécies vivas) presente no país. Como mostrou Otto Gottlieb, da Fiocruz, um dos pioneiros desse setor no Brasil,

"o Brasil tem 55 mil espécies de plantas superiores, mas apenas 1% a 2% dos trabalhos científicos desse campo no mundo, enquanto o Japão tem só 3 mil espécies e produz 25% dos papers".

Muitos pesquisadores brasileiros se vêem reduzidos à condição de coletadores de plantas promissoras para laboratórios do Primeiro Mundo. "Estamos rifando o Brasil", diz Massayoshi Yoshida, da USP. Para vários de seus colegas, essa é a única chance de continuar trabalhando. E mesmo que tivessem meios técnicos e competência para identificar fármacos revolucionários, jamais conseguiriam fazê-los chegar ao mercado.

"As barreiras são intransponíveis", afirma o químico inglês Benjamin Gilbert, referindo-se ao exigente e complicado processo de aprovação de novos medicamentos pela toda-poderosa FDA, a agência norte-americana, sem cuja chancela os remédios amazônicos jamais chegariam ao mercado internacional. Em apoio à sua tese de que os fármacos não são a saída para a Amazônia, Gilbert citou uma das cifras mais comentadas do simpósio, apresentada por James MacChesney, da Universidade do Mississippi (EUA): cada droga aprovada pela FDA para testes clínicos envolve investimentos de pelo menos US\$ 37 milhões.

Para Gilbert, que desenvolve projetos de viabilidade econômica para a Amazônia na Companhia de Desenvolvimento de São Paulo (Codetec) e na Fiocruz, a solução é responder a demandas específicas por produtos "ecologicamente corretos": óleos, essências aromáticas e inseticidas naturais.